

## **Preços administrados pelo Governo, e não os alimentos, são vilões da inflação**

*\*Ágide Meneguette*

Nos últimos meses, a inflação voltou a mostrar careta e os mais apressados já arranjaram um vilão: os preços dos alimentos. Os índices, na verdade, mostram que tais preços ajudaram, sim, a elevar a inflação, mas uma análise simplista, de apenas poucos meses, distorce a realidade.

Há anos os preços dos alimentos vem segurando a inflação. É isso que mostram os dados levantados pelo corpo técnico da FAEP. Para uma inflação acumulada de 225,25% desde 1994, os preços dos alimentos e bebidas subiram, em média, apenas 147,54%, isto é, bem abaixo dos índices do custo de vida.

O estudo mostra que, na verdade, os preços administrados pelo Governo, como energia elétrica, telefonia e combustíveis, são os maiores responsáveis pela alta da inflação.

Importante, também, é saber o que vem provocando esse aumento no custo de alimentos. Não é a vontade do produtor rural, uma vez que ele não faz seu preço. E este é reflexo de cotações internacionais. O aumento dos alimentos tem muito a ver com o aumento das importações da China, da Índia e de outros países emergentes da Ásia, cujas populações se contam a bilhões de habitantes e que estão saindo de uma situação de pobreza extrema para entrar no mercado consumidor.

Tem a ver com o programa dos Estados Unidos de incentivar a produção de etanol a partir do milho. Como faltou milho nos Estados Unidos, seu preço internacional subiu. E como a produção do milho se expandiu e tomou o lugar da soja naquele país, subiu também o preço da oleaginosa. Tudo isso elevou o preço da ração animal e, por consequência, os preços do leite e das carnes.

O produtor rural está apenas respirando e não ganhando horrores como dizem alguns. Mal saído de uma crise em razão de secas e de uma má política cambial, o produtor rural enfrenta um brutal aumento de custo de produção porque os preços dos fertilizantes, dos combustíveis, dos fretes tiveram altas absurdas e estão pressionando o resultado das atividades agropecuárias não apenas no Brasil, mas em todo mundo.

A agropecuária, portanto, não é a vilã da inflação. Ela apenas reflete o que vem ocorrendo na economia mundial.

*\*Ágide Meneguette*

*é presidente do Sistema FAEP/SENAR – PR*

## **Alimentos seguram inflação e ajudam a manter estabilidade**

Os alimentos não são os itens que mais contribuem para a alta da inflação. Na verdade, durante anos, os produtos alimentícios foram fundamentais para segurar a inflação e manter a estabilidade econômica do País. É o que aponta o estudo elaborado pela FAEP em abril para avaliar a participação dos alimentos na pressão inflacionária.

Os alimentos que ficaram um pouco acima da inflação oficial foram os panificados, que tiveram alta de 240,02%. Cereais, legumes e oleaginosas, como feijão, soja, milho e arroz, tiveram um avanço de 232,17%, praticamente igual ao da inflação oficial.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) é o referencial para medir a "inflação oficial" brasileira e é elaborado pelo IBGE. Quando é mudado o foco de curto prazo para uma análise de longo prazo, observa-se que outros setores da economia têm maior impacto no aumento do custo de vida do brasileiro.

## GOVERNO - O VILÃO DA INFLAÇÃO

**Ranking dos itens que mais contribuíram para a alta da inflação no Brasil**  
**Período – Julho de 1994 a abril de 2008 – IBGE**  
**Varição acumulada desde o Plano Real**

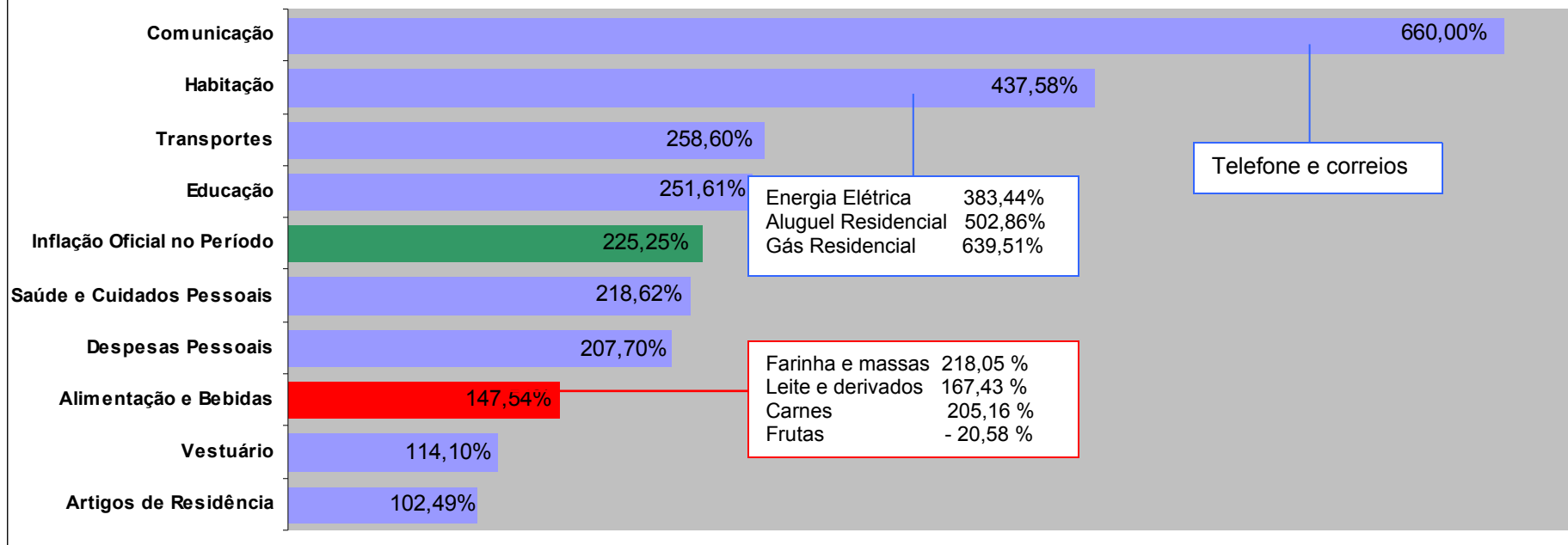
Colocação	ITENS MONITORADOS PELO GOVERNO	Varição
1	COMUNICAÇÃO (Telefones, correios)	660,00 %
2	COMBUSTÍVEIS DOMÉSTICOS (gás)	639,51 %
3	ALUGUEL E TAXAS	502,86 %
4	TRANSPORTE PÚBLICO	459,47 %
5	ENERGIA ELÉTRICA RESIDENCIAL	383,44 %
6	PLANO DE SAÚDE	341,81 %
7	COMBUSTÍVEIS (gasolina e álcool)	333,52 %
<b>IPCA</b>	<b>INFLAÇÃO OFICIAL NO PERÍODO</b>	<b>225,25 %</b>

Fonte: Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor – IPCA - IBGE

Entre os setores que têm preço administrado e determinado pelo governo, o grupo da comunicação, que envolve os telefones fixos, celulares e os correios, registrou uma inflação de 660% entre 1994 e 2008.

Já o grupo da habitação, que compreende aluguel, energia elétrica e gás, apresentou uma alta de 437,58% no período analisado. Os combustíveis domésticos, como gás de bujão e encanado, subiram 639,51% e o transporte público ficou 459,47% mais caro.

## Inflação acumulada desde julho de 1994 até abril de 2008 - IPCA - Fonte: IBGE



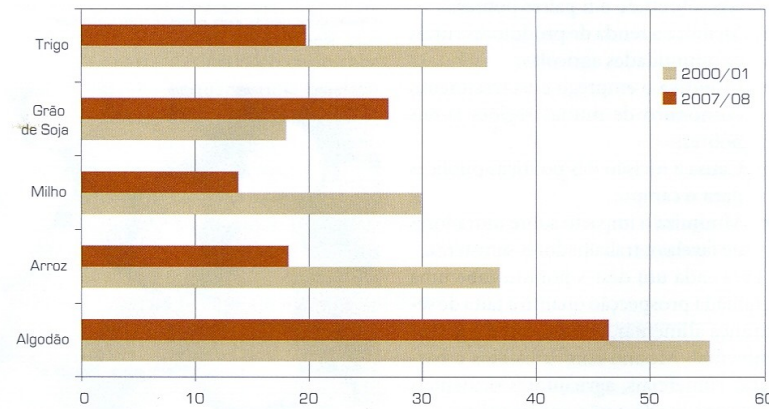
Fonte: Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor – IBGE – Elaboração: FAEP / DTE

## Oferta mundial de alimentos não acompanha demanda

De um lado, uma maior demanda por alimentos. Do outro, uma oferta que não acompanha a crescente necessidade de produtos alimentícios da população mundial.

O atual cenário, marcado pelo desequilíbrio entre a oferta e a demanda, é o resultado de vários fatores, como a crescente demanda em países emergentes da Ásia, as mudanças climáticas, que prejudicaram a produção agrícola de países, como a Austrália, o aumento da produção de biocombustíveis e o encarecimento dos insumos.

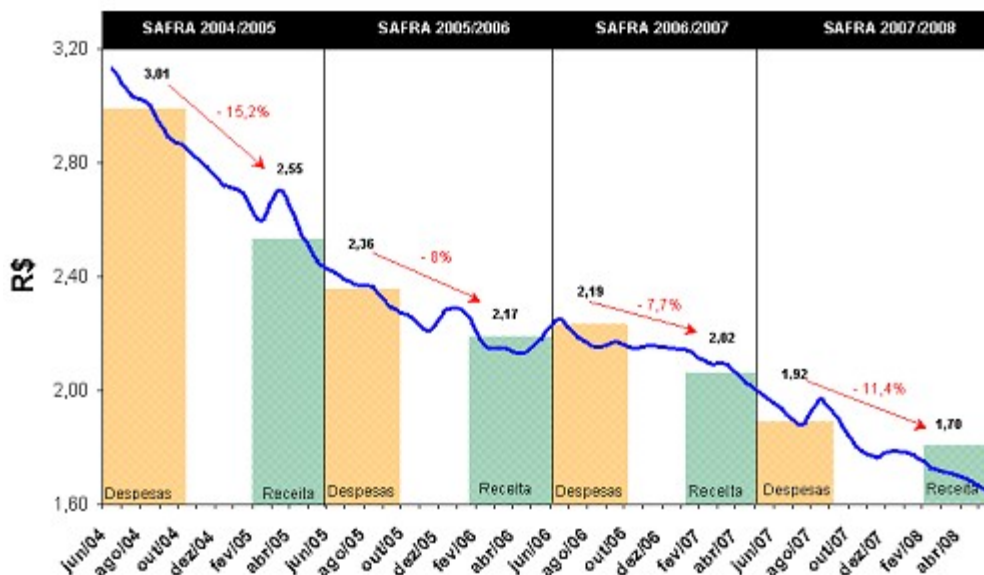
Mundo: relação entre estoque *versus* consumo [%]



Fonte: USDA

Ao mesmo tempo, os estoques finais de grãos estão menores. Situação que se tornou uma constante nas últimas décadas. Diante dessa realidade, sobem os preços dos alimentos. A situação é agravada com o investimento especulativo nos mercados das commodities. A alta do petróleo, a realização de lucros por parte dos fundos de investimento, o aquecimento da demanda chinesa, o baixo nível dos estoques norte-americanos e a ação especulativa por parte dos fundos ajudam a sustentar o nível de preços internacionais dos grãos.

## Impacto da taxa de câmbio na agricultura



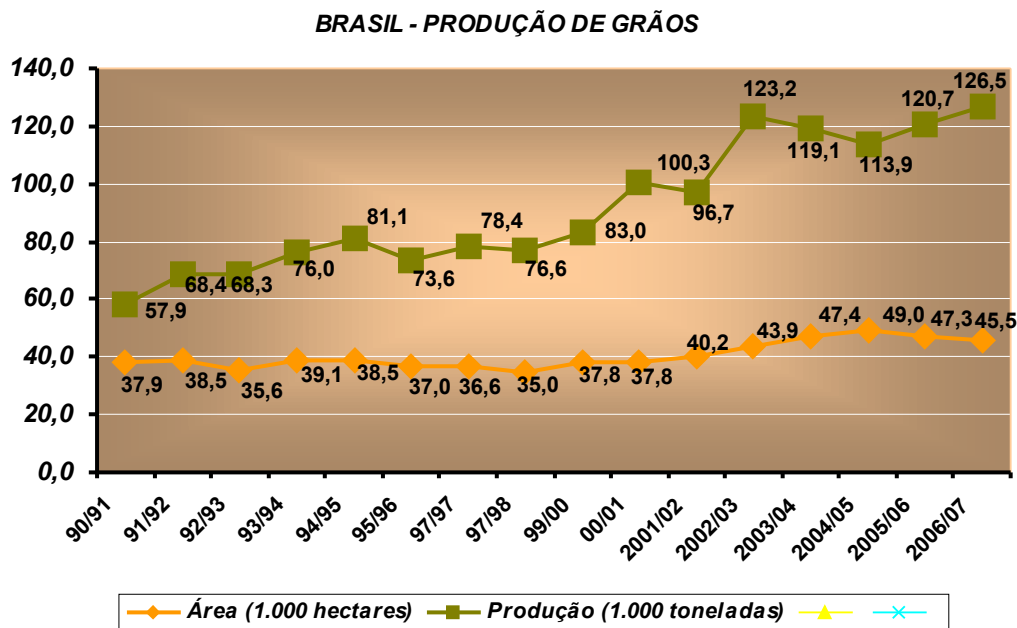
Fonte: BACEN \* Taxa de câmbio comercial para venda real (R\$) / dólar americano (US\$)  
Elaboração: FAEP / DTE – Médias safras de verão: Despesas do plantio (junho/setembro) e receitas da colheita (fevereiro/junho)

Não faltam exemplos que comprovam o desequilíbrio entre a oferta e a demanda. Em 18 anos, a demanda por alimentos na China, como na Índia, registrou um crescimento de 80%. No cenário mundial, destaca-se o baixo estoque de cereais, como milho, arroz e trigo. De acordo com estudo da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), os estoques de cereais, como milho e arroz, é o menor dos últimos 25 anos. Já os de trigo deverão ser os mais baixos em 30 anos.

É importante ressaltar que a alta dos preços dos produtos agrícolas não representa ganho por parte dos produtores rurais. Isso porque, nos últimos meses, os custos de produção registraram um considerável aumento. É o caso dos fertilizantes. No período de dezembro de 2007 a fevereiro de 2008, os preços do cloreto de potássio aumentaram 20%. Já os dos fosfatados aumentaram 45%.

Nos últimos doze meses, o dólar assinalou uma queda superior a 8% em relação às demais moedas. A fraqueza do dólar frente às principais moedas também atua como fator de sustentação das commodities, o que explica a oscilação nos preços internacionais.

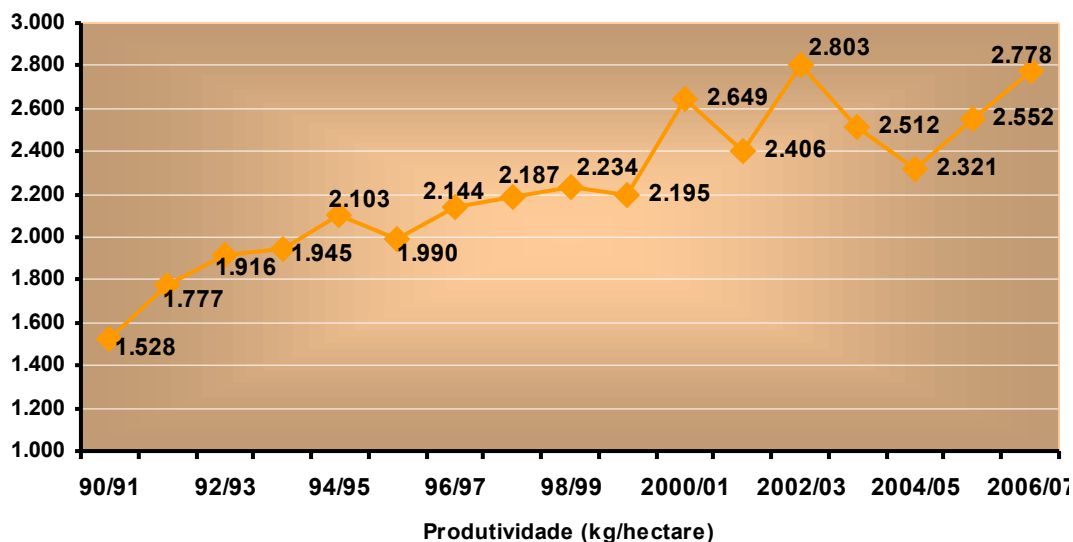
No Brasil, com uma safra que sinaliza uma produção recorde superior a 140 milhões de toneladas, resultado da utilização de modernas tecnologias e eficiência, os ganhos de produtividade, nas últimas décadas, revestem-se de conquistas fundamentais para que o País consolide sua posição como grande fornecedor mundial de alimentos. No período de 90/91 a 06/07, o crescimento da produção foi de 218%. Já a área plantada, em igual período, cresceu 20%. A produtividade passou de 1.528 kg/hectare para 2.800 kg/hectare.



○

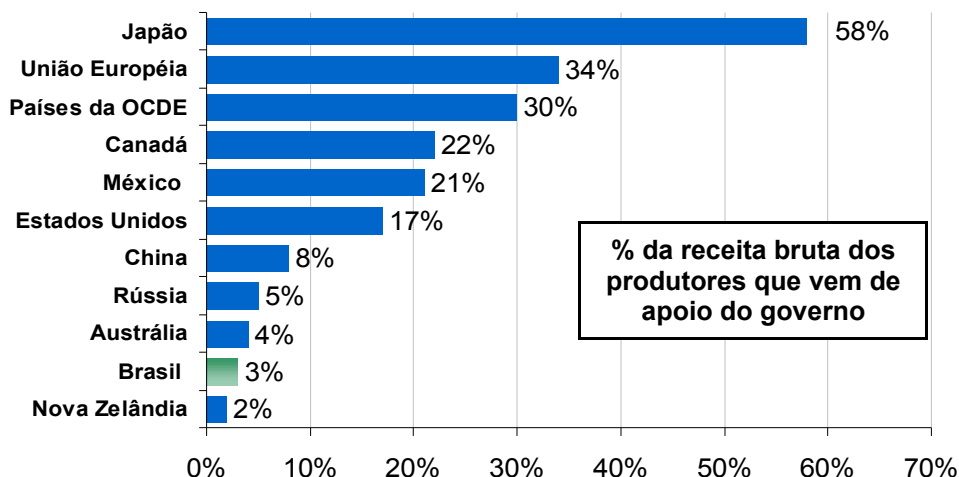
Brasil deverá não apenas manter a sua posição como também se adequar à evolução científica, haja vista que o grande desafio é a competitividade global onde as mudanças acontecem rapidamente. A continuidade de investimentos em pesquisa e desenvolvimento agrícola possibilitará ao País a manutenção e a ampliação dos espaços conquistados no mercado mundial.

### BRASIL - PRODUTIVIDADE GRÃOS



Porém, o produtor brasileiro defronta-se constantemente com toda espécie de barreiras tarifárias e sanitárias impostas aos seus produtos, dificultando seu desempenho nos mercados. O que o coloca em uma situação desfavorável ao competir com uma agricultura fortemente subsidiada de outros países. Isso sem falar na questão cambial que é totalmente desfavorável ao produtor rural, com uma política cambial que não contempla a agricultura.

**Brasil: agricultura pouco subsidiada**  
**Estimativa de Apoio ao Produtor (2002 - 2004) – Fonte: OCDE**



Os problemas de logística constituem o grande gargalo para a agropecuária brasileira. Têm um efeito sobre todo o sistema econômico. Eles desarticulam o processo produtivo a partir da porteira, até o porto de embarque, e afetam a competitividade brasileira. No Brasil, o modelo de transportes assenta-se no modal rodoviário, com uma soberania quase absoluta (indicado para distâncias de até 600 km), ou seja, em torno de 60%. Já o ferroviário tem uma participação de 33% e o hidroviário, de 7%. Por isso, é preciso

equacionar a logística brasileira. É fundamental que o País inverta a matriz de transportes, haja vista que o produtor rural arca com a perda de receita.

As vantagens competitivas no Brasil, dentro da porteira, diluem-se quando são imputados os custos pós-porteira. Entre estes, destacam-se os custos de transporte, armazenamento e despesas portuárias.

### Preços de sementes e fertilizantes têm alta muito acima dos índices de inflação

No Paraná, de acordo com levantamento da Secretaria de Agricultura do estado, aumentou o custo da produção agrícola no período de fevereiro de 2007 a fevereiro de 2008.

O levantamento também mostra que os preços da saca de sementes de soja, com 50 quilos, subiram 30% entre fevereiro de 2007 e fevereiro deste ano. Neste período, os valores variaram de R\$ 43,49 para R\$ 56,38. Já os preços da saca de 50 quilos de sementes de trigo tiveram uma alta de 14%. Subiram de R\$ 49,00 para R\$ 55,79.

As rações para animais também pesaram mais no bolso do produtor rural. Os valores das rações usadas na alimentação de frango de corte variaram 29%. As de engorda de bovinos subiram 26% e as de suínos, 20%. Já as rações para vaca leiteira tiveram um aumento de 19% no período. Na próxima safra, os custos de produção devem continuar elevados.

### Preços Pagos pelos Produtores do Paraná (2007 e 2008)

FERTILIZANTES FORMULADO	UNIDADE	Fev/07	Fev/08	Variação
Adubo 00-20-20	Tonelada	614,97	981,56	60%
Adubo 00-30-20	Tonelada	695,43	1.389,89	100%
Adubo 04-30-10	Tonelada	697,95	1.130,53	62%
Adubo 05-20-20	Tonelada	677,02	1.068,78	58%
Adubo 08-30-20	Tonelada	798,95	1.296,26	62%
Adubo 10-20-20	Tonelada	750,82	1.147,12	53%

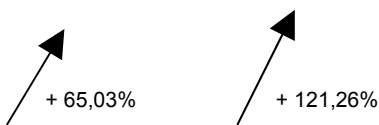
Fonte: SEAB/DERAL/PR

### Preços Pagos pelos Produtores do Paraná (2007 e 2008)

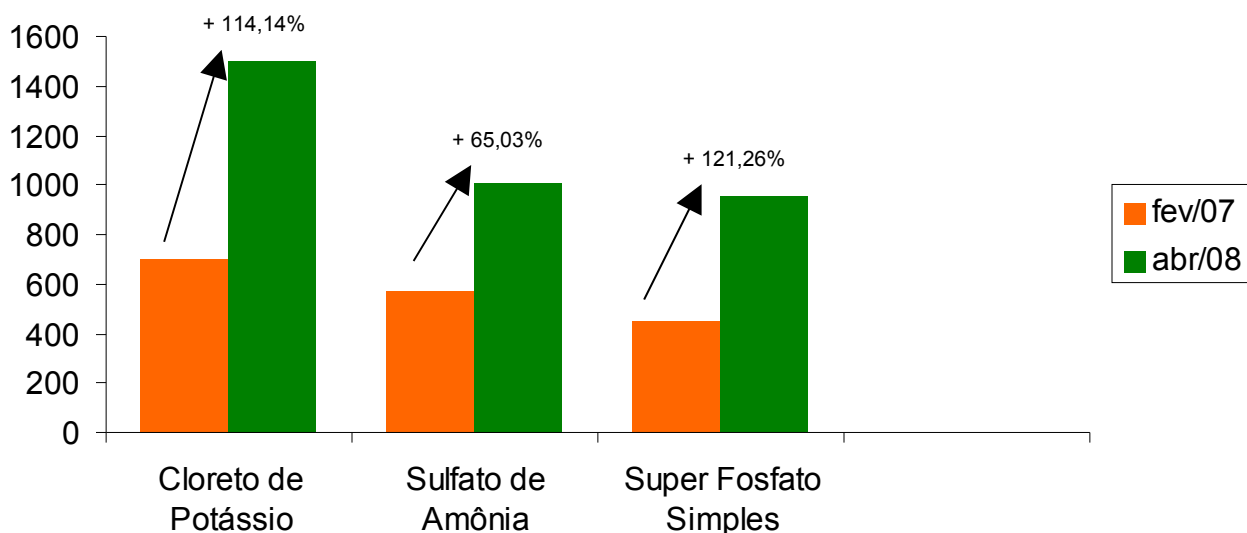
FERTILIZANTES MATÉRIA-PRIMA	UNIDADE	Fev/07	Fev/08	Variação
Cloreto de Potássio	Tonelada	700,49	997,92	42%
Sulfato de Amônia	Tonelada	575,65	767,34	33%
Super Fosfato Simples	Tonelada	456,48	705,89	55%
Super Fosfato Triplo	Tonelada	745,77	1.279,53	72%
Uréia	Tonelada	882,47	1.083,63	23%

Fonte: SEAB/DERAL/PR

Segundo levantamento da FAEP, os custos continuam avançar nos meses de março e abril. Esses aumentos impactam diretamente nos custos de produção das principais atividades da agropecuária paranaense. Conseqüentemente, também causam elevação no custo final dos produtos e dos alimentos.



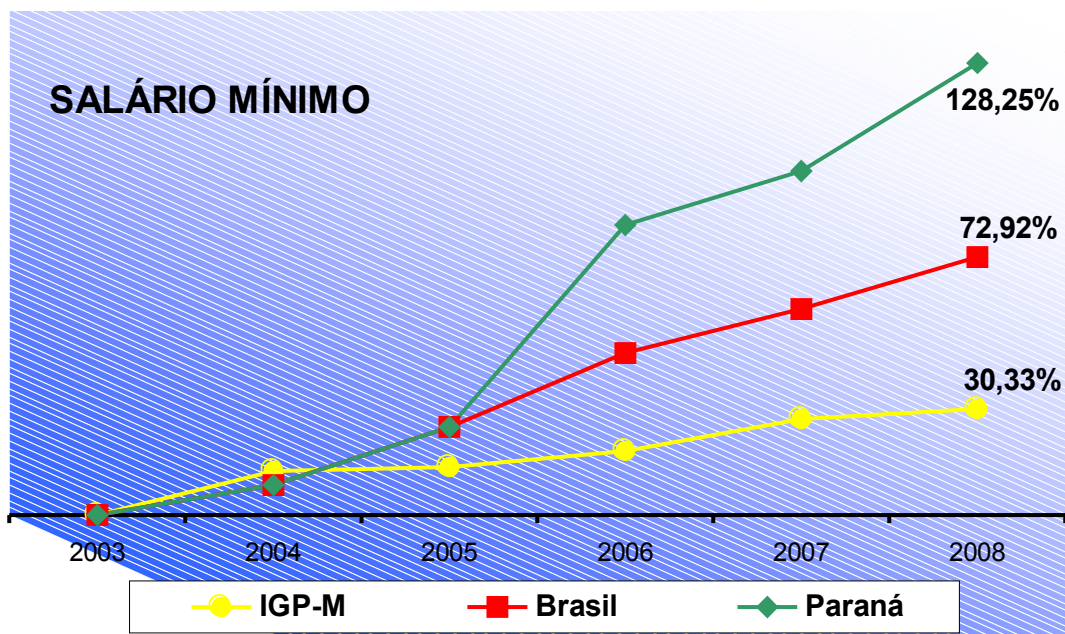
### Aumento dos custos de fertilizantes - matéria-prima / ton. (2007 - 2008)



Fonte: Dados de fev/07 (SEAB/PR) - abr/08 – levantamento FAEP / DTE com fornecedores.

### Mão-de-obra encarece agropecuária

Cada vez mais, a mão de obra causa maior impacto nas planilhas de custos da atividade agropecuária. Se por um lado, a elevação dos valores do salário mínimo nacional, em índices superiores aos da inflação, garante maior poder aquisitivo à população, por outro, ela onera os setores produtivos que pagam esses salários majorados.



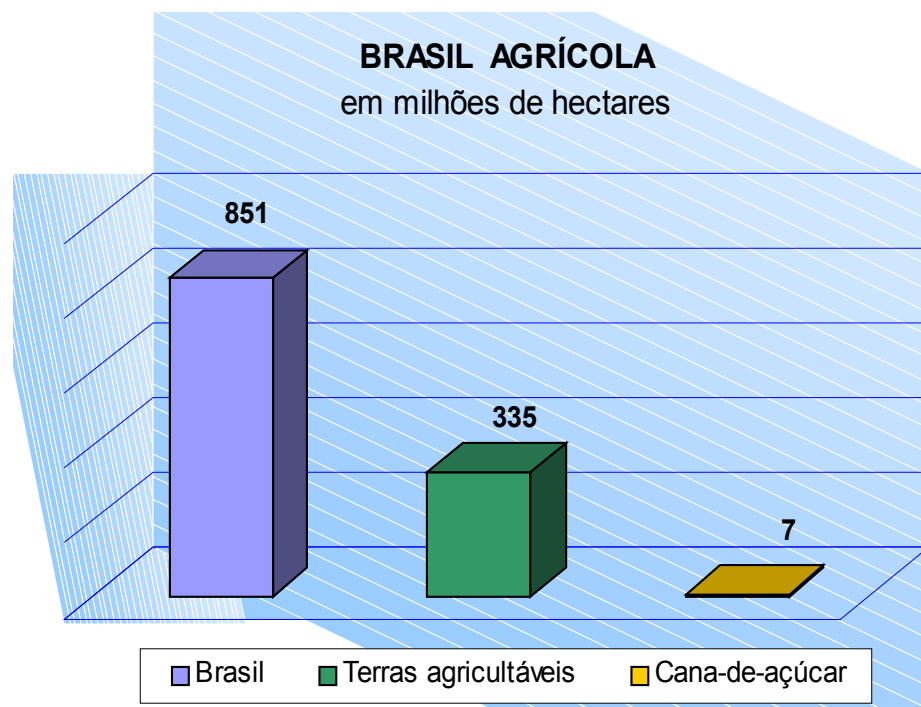
De 2003 até primeiro de abril de 2008, o salário mínimo acumula uma variação de 72,92%. Ele saltou de R\$ 240,00 para R\$ 415,00. Enquanto que o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) acumulado é de apenas 30,33%.

No Paraná, um dos estados que possuem Salário Mínimo Regional (SMR), essa variação é ainda maior. Em 2006, ano de sua criação, o SMR representava 24,86% a mais do que o salário mínimo nacional. Atualmente, o valor de R\$ 547,80 corresponde a 32,00% a mais e registra um aumento de 25,35% em apenas dois anos. Comparado ao salário nacional de 2003, o aumento excede a 128%.

### **Cana não prejudica produção de alimentos**

No Brasil, a cana-de-açúcar não concorre com a produção de alimentos em nenhuma situação. É o que comprova a avaliação da FAEP, realizada no momento em que a mídia e a opinião pública direcionam suas atenções para a cana-de-açúcar, cultivada no País, e para o milho norte-americano. Esse interesse é explicado pela necessidade de se desenvolver energias renováveis frente a um maior crescimento populacional e ao desenvolvimento econômico de vários países.

O aumento na produção de cana é acompanhado por uma expansão na produção de grãos. Todas as análises demonstram que, no caso brasileiro, a produção de biocombustível, no momento, não causa impacto nos preços dos alimentos.



No Brasil, além do álcool, 50% da cana-de-açúcar colhida é destinada à produção de açúcar que abastece o País e o mundo. O segmento ainda contribui na geração de energia elétrica por meio do aproveitamento do bagaço da cana que, até há pouco tempo, era um subproduto incômodo para as usinas.

Nem mesmo sob a ótica da ocupação territorial, a cana concorre com a produção de alimentos. Hoje, a cana-de-açúcar ocupa 7 milhões de hectares. Isto representa apenas

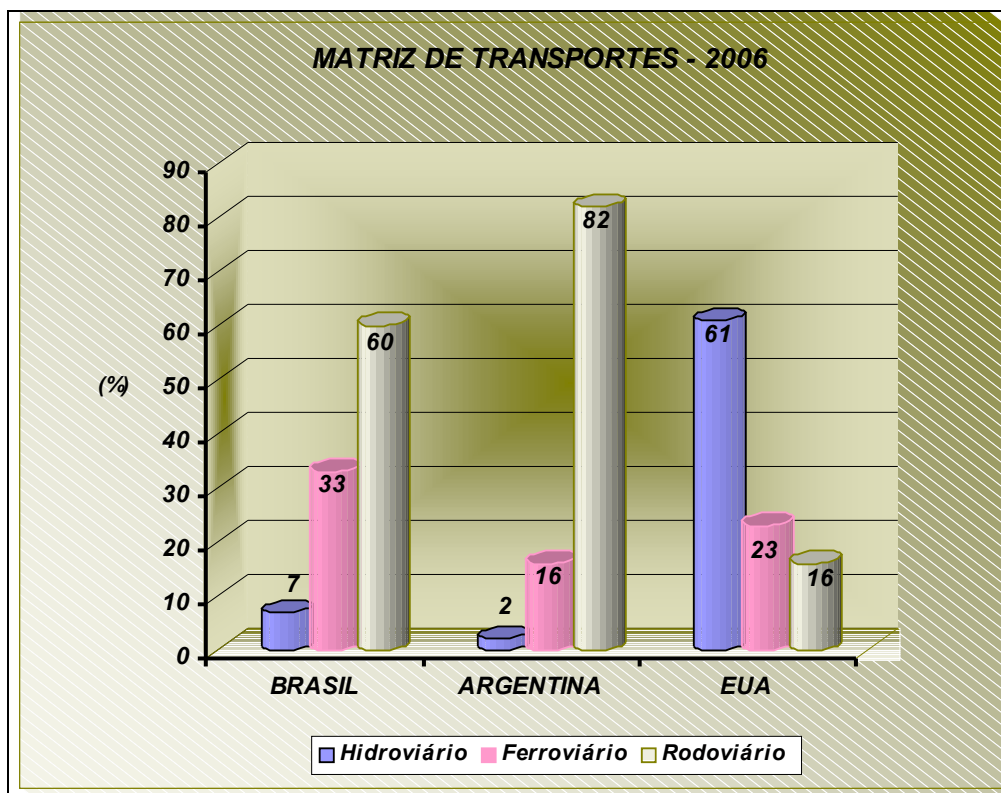
2% da área utilizada pela agropecuária nacional. Além disso, a expansão da cultura ocorre em áreas de pastagem degradadas.

Para o pesquisador da Embrapa, Claudinei Andreoli, a cana-de-açúcar é, de longe, do ponto de vista econômico, energético e ambiental, a melhor alternativa para a produção de biocombustível.

Já nos Estados Unidos, a produção de etanol, a partir do milho, concorre diretamente com o uso do grão como alimento humano e animal. Atualmente, 20% da produção norte-americana de milho é destinada à produção de etanol. Situação que afeta diretamente os preços da commodity.

### Logística permanece como grande gargalo da agropecuária nacional

Há anos que entidades governamentais, privadas (GEIPOT, BNDES, IPEA, FAEP, OCEPAR) e universidades alertam para o grande gargalo que a logística representa para a agropecuária nacional. No caso da soja em grão, de baixo peso específico e sem agregação de valor, a persistência desse gargalo representa perdas anuais de 2 bilhões de reais para os exportadores. E também afeta o ganho da produtividade no campo. Com isso, as possíveis vantagens escorrem torneira abaixo à medida que a produção sai da porteira e é escoada para as estradas.



As despesas de frete até o porto e o pedágio agravam ainda mais a situação. No pico da safra, por exemplo, os fretes sofrem aumentos significativos uma vez que a demanda é maior. Nesse período, há uma maior pressão sobre os fretes rodoviários porque as safras de milho e soja são coincidentes.

Nos Estados Unidos, existe uma infra-estrutura interna de transportes rápida e barata. Por ela, são transportados grandes volumes de commodities do produtor até o consumidor. Com um sistema de transportes mais eficiente e menos oneroso, assentado no sistema

modal hidroviário, os americanos anulam a vantagem competitiva do produtor brasileiro. No custo de transporte, os Estados Unidos têm vantagem, com um saldo de US\$ 20,00/tonelada a seu favor.

A situação complica-se ainda mais quando as despesas portuárias são agregadas. No Brasil, o custo portuário é de US\$ 7,00/tonelada. Já nos Estados Unidos, é de US\$ 3,00/tonelada. Ou seja, há uma diferença favorável aos Estados Unidos de US\$ 4,00/tonelada. Com isso, o produtor americano tem um custo de despesa portuária 57% inferior.

### **FAEP apresenta soluções para política agrícola brasileira**

Diante dos novos desafios e situações que afetam a agropecuária nacional, a FAEP tomou a iniciativa de elaborar soluções para a política agrícola do País. No dia 09 de abril, a FAEP encaminhou à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e ao Ministério da Agricultura o documento "As Propostas da FAEP para o Plano Agrícola e Pecuário - PAP 2008/2009". Ao todo, foram mais de 60 propostas com o objetivo de reduzir os custos de produção e melhorar os mecanismos da política agrícola.

Entre as principais propostas defendidas pela FAEP, está a desoneração tributária. Com o objetivo de reduzir o custo de produção, a Federação propôs a retirada da cobrança do Adicional de Frete para Renovação da Marinha Mercante (AFRMM), que é de 25% sobre o valor do frete. Isso trará uma economia na importação de fertilizantes.

Outra medida defendida permite que os produtores rurais façam a importação direta das substâncias ativas e suas formulações previstas nas Resoluções de acordo do Mercosul. Já que os países vizinhos têm custo de defensivos agrícolas até 60% menores que os do Brasil. Também foi proposto que o governo zere a taxa de importação de insumos e libere os genéricos. A FAEP ainda defendeu que seja zerado o direito antidumping aplicado sobre a importação de glifosato, matéria-prima usada na fabricação de defensivos agrícolas.

Para o funcionamento efetivo do seguro rural, a Federação sugeriu uma série de ações. Entre elas, estão a implementação efetiva do Fundo de Catástrofe, uma melhora dos subsídios aos prêmios do seguro e a mudança na metodologia do cálculo da produtividade levada em consideração pelas seguradoras. No momento da contratação das apólices, as produtividades oferecidas pelas seguradoras estão muito aquém da realidade dos produtores. As regras de contratação do seguro rural não atendem as necessidades dos produtores rurais.

Quanto ao escoamento da produção brasileira, a FAEP propôs que o governo federal atue junto ao governo do Paraná para solucionar os problemas do Porto de Paranaguá, especialmente no que diz respeito à dragagem. A FAEP também quer que o governo resolva o problema da cabotagem que inibe o transporte - e em consequência a comercialização - de produtos agropecuários do sul para o norte e nordeste do País. Outra solução apontada no documento da Federação é o incentivo ao investimento no Porto do Itaqui (Maranhão) e nas vias de transporte que levam àquele porto. Assim, é possível aliviar a pressão sobre os portos de Paranaguá e Santos, reduzindo a necessidade de investimentos no setor.

Em relação ao crédito rural, foram solicitados mais recursos para o financiamento da nova safra, redução na taxa de juros e a criação de um bônus de adimplência para os custeios. A FAEP fez ainda uma série de propostas para o Proagro, seguro rural, crédito de custeio e comercialização, programas de investimento, instrumentos de apoio à comercialização,

Programa de Geração de Emprego e Renda rural (Proger Rural), infra-estrutura, meio ambiente e pesquisa.

O documento com as propostas da FAEP pode ser acessado no site da Federação, no ícone "Publicações", do lado esquerdo da página inicial [www.faep.com.br](http://www.faep.com.br)

### **Produtor é preparado para atuar em mercado futuro**

Atualmente, para que o produtor rural seja bem-sucedido na gestão dos seus empreendimentos, é preciso que conheça as várias estratégias de comercialização. Com o objetivo de oferecer aos produtores rurais um instrumento para gerenciar melhor os riscos e se antecipar, amenizando imprevistos de queda dos preços, o Sistema FAEP disponibiliza o curso sobre mercado futuro.

A iniciativa é mais uma ação da FAEP em prol do produtor rural do Paraná. No final do ano passado, a Federação firmou uma parceria com o Banco do Brasil e capacitou seus técnicos e instrutores do SENAR-PR. Eles foram treinados para preparar os produtores com interesse em utilizar esse instrumento de comercialização.

A primeira turma de produtores formada no curso de mercado futuro foi composta por membros da Comissão Técnica de Grãos da FAEP. De janeiro a abril deste ano, foram realizados 13 cursos. Cada um deles contou com a média de 10 a 15 participantes. Os produtores com interesse em saber mais sobre mercado futuro devem procurar os sindicatos rurais de sua região e solicitar a realização de palestra que antecede ao curso.

### **Entre a oportunidade e o fracasso**

\*Ágide Meneguette

O aumento mundial nos preços das commodities agropecuárias é um fenômeno que vai durar algum tempo. Não se trata apenas do incremento da demanda por alimentos e rações por parte dos países emergentes da Ásia, do uso do milho para fabricação de etanol nos Estados Unidos, mas igualmente do aumento generalizado no custo de produção - sementes, fertilizantes, agroquímicos e combustíveis - e transporte em escala planetária. Segundo especialistas na área, os preços dos produtos agropecuários, que vinham se mantendo baixos nas últimas décadas, apenas se ajustaram e só retrocederão com uma nova revolução no setor.

Esta revolução já está ocorrendo e, infelizmente, o Brasil coloca-se à sua margem e, desta forma, deixa passar uma extraordinária oportunidade para se firmar como o grande celeiro do mundo.

Estive recentemente no Meio Oeste dos Estados Unidos, visitando indústrias de etanol, federações de produtores rurais, o mais moderno laboratório de pesquisas agrícolas do mundo, e conversei com especialistas em comercialização de produtos agrícolas. O que vi é a preparação para um novo grande salto na tecnologia da produção agrícola para o qual nosso país não está institucionalmente preparado.

Fábricas que produzem 200 milhões de litros de etanol com apenas 32 trabalhadores e ainda fornecem o resíduo do milho utilizado - 100 mil toneladas anuais - para ração animal são o padrão industrial norte-americano. É verdade que substancial parte do milho produzido naquele país está sendo utilizado como matéria-prima para fabricar combustível. Mas isso está sendo solucionado pela pesquisa. O maior laboratório da Monsanto, em Saint Louis no Missouri, está desenvolvendo variedades de milho transgênica que vão permitir rendimento de 28 toneladas por hectare, mais que o dobro

do produzido atualmente naquele país e seis vezes mais que a produtividade média brasileira.

Estas novas variedades poderiam logo vir para o Brasil, não fossem as posições radicais daqueles que abominam o desenvolvimento da agropecuária e demonizam as sementes transgênicas. Os Estados Unidos estão se preparando para enfrentar a escassez do produto com essa nova tecnologia. Eles vão aumentar a produção de etanol com custos menores e retomar a sua posição no mercado mundial.

A imensa brecha que se abriu no mercado mundial de milho, soja, álcool, carnes e outros produtos, poderia facilmente ser tomada pelo Brasil se houvesse vontade política de eliminar todas as barreiras que existem, inclusive as de natureza política, para a adoção das novas tecnologias, não apenas a do milho mais produtivo, mas do resistente à seca (lembrando a recorrência do fenômeno na Região Sul), soja com maior teor de óleo, inclusive ômega 3, só para mencionar dois dos produtos de interesse do Paraná e base para a produção de leite e carnes de aves e suínos em pequenas propriedades. Na mesma área, hoje utilizada para produzir no verão oito milhões de toneladas de milho no Paraná, com as novas variedades transgênicas, será possível produzir até 30 milhões toneladas.

Mas se o Paraná, por uma desses milagres, pudesse adotar as novas variedades nos próximos anos, enfrentaria um outro problema sério: não teria como escoar uma produção dessa magnitude. Não temos ferrovias, nem portos e nem rodovias para suportar uma avalanche desse tamanho.

O Brasil e o Paraná, em particular, têm uma oportunidade fantástica, mas para aproveitá-la é preciso deixar o preconceito obscurantista de lado e investir maciçamente na sua infra-estrutura. O século XXI pode ser nosso mas, para isso, é preciso muita aplicação.

*\*Ágide Meneguette*

*é presidente do Sistema FAEP/SENAR – PR*